

A Origem do Cavaleiro

CRÔNICAS TEMPLÁRIAS
VOLUME I

ALEX BITTEN

1ª Edição



INTRÉPIDA

São Paulo
2019

A Origem do Cavaleiro
Crônicas Templárias – Volume I

de Alex Bitten

Editor

Eldes Saullo

Revisão

Alexandre Bittencourt e Triza Marsallo

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

A Origem do Cavaleiro –
Crônicas Templárias – Volume I
– 1^a Edição

ISBN: 9781719057387

Bitten, Alex – São Paulo: 2017

1. Ficção 2. Romance Histórico

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Para meu filho Heitor

Porto de La Rochelle - França

13 de Outubro de 1307

O jovem cavaleiro Gérard de Ridefort aproximou-se da borda do cais e olhou para a imponente frota ancorada a sua frente. Ouvia a brisa, que vinha do mar bater nas embarcações, e estas retribuía, rangendo como animais feridos. Ao todo, dezoito navios estavam ancorados no porto de La Rochelle e eram protegidos por duas enormes torres construídas na entrada do canal. Ele olhou para o céu, fascinado com a quantidade de estrelas, e encheu os pulmões de ar. A brisa esfriava a cota de malha que ele estava usando debaixo de um manto branco, já amarelado pelo uso e que tinha o desenho desbotado de uma cruz

vermelha que se estendia pelo tórax até o ventre. Cobria-o uma capa longa e velha, com rasgos na parte de baixo.

Gérard deixou escapar um sorriso espontâneo, ao lembrar-se dos seus pertences e de que o voto de pobreza fazia parte do juramento para tornar-se um cavaleiro da sua Ordem. Olhou, à sua volta, a estrada que circundava o porto, as luzes das lamparinas acesas nos postes do cais e a fumaça que saía de algumas casas e subia, até desaparecer na noite escura. De onde estava, podia ver o movimento dos vigias no convés do *Falcão do Templo*, o principal navio da frota, distante uns quinhentos metros. O navio não era o famoso *Falcão do Templo*, que resgatara mulheres, crianças, nobres e civis durante a queda da Fortaleza de Acre, em doze de maio de 1291. Este era novo, maior e bem mais equipado. As luzes dos lampiões, presos aos mastros, na popa e na proa, moldavam as silhuetas de outros navios ancorados na baía e permitiam identificar alguns deles, como o *Templere*, o *Buteo*, o *Buscart*, o *Rosa do Templo*, o *Boa Aventura*, o *Santa Anna* e o *Angélica*. Outros ainda estavam longe demais, e a escuridão da noite dificultava a identificação.

— Uma bela noite.

A mão coberta por uma luva de cota de malha tocou seu ombro. Cota de malha era um conjunto de entrelaçamentos de pequenas argolas de metal, feitas de ferro polido, para proteger partes sensíveis do corpo durante um combate com armas cortantes.

— Sim, meu irmão, uma bela noite.

O outro cavaleiro, de rosto envelhecido pelo tempo, limitou-se a responder com a voz grave, sequela de um ferimento antigo que uma lâmina deixara em sua garganta.

— Este é um belo lugar. O clima é bom, estamos sendo bem tratados, até mais do que merecemos, mas confesso que gostaria de estar em nosso castelo, fazendo nossas orações e seguindo a nossa rotina.

— É verdade, irmão Robert. Mas estamos aqui em missão especial. Não podemos nos esquecer disto.

— E como posso esquecer se eu sou o responsável pela frota? — argumentou o mais velho, que tinha a cabeça grande, os cabelos compridos e o rosto encoberto por uma generosa barba branca.

— Sim, é verdade.

Um grupo de homens se aproximou caminhando. Eram sete cavaleiros e sete sargentos que haviam desembarcado para rezar na

Catedral de La Rochelle e que agora se preparavam para retornar ao *Falcão do Templo*. Os cavaleiros vestiam o mesmo traje de Gérard, mas os sargentos usavam uma vestimenta marrom com uma cruz de cor preta. Todos traziam um escudo preso às costas e portavam espadas. Eles juntaram-se aos dois homens.

– O que o irmão acha que aguarda nosso Grão-Mestre em Paris?

O velho guerreiro alterou o semblante, enrugando a testa de preocupação.

– É difícil dizer. Em nossa última conversa, estava clara a sua inquietação. Por isso ele pediu que transportássemos todos os nossos segredos para os navios e que nos mantivéssemos em alerta.

– Entendo a preocupação do Grão-Mestre.

– A convocação oficial que recebemos irá tratar da nossa união com a Ordem dos Hospitalários, mas a ausência do seu Grão-Mestre na reunião com o Rei aumentou as suas preocupações e, por isso, ele teme que algo de ruim esteja para acontecer.

Aquelas palavras trouxeram preocupação a todos os homens.

– Por isso, meus irmãos, ele tem receio de que possa haver alguma coisa a mais na convocação do Papa Clemente V, que parece estar nas mãos do rei Felipe. Alguns dos nossos informantes na corte enviaram mensagens, de que existe uma possibilidade de haver alguma coisa oculta nesta convocação. Por isso eu decidi manter uma Unidade da Cavalaria no cais, e também ordenei para os capitães ficarem alertas e que estejam prontos para partir a qualquer momento.

E colocou as mãos no ombro do jovem cavaleiro.

– Os segredos devem permanecer com a Ordem.

O tropel de um cavalo a galope na rua de pedras chamou a atenção dos cavaleiros. Um homem encapuzado atravessou a bruma sobre a estrada e aproximou-se cavalgando um corcel negro, exausto da longa jornada. O estranho chegou muito próximo dos cavaleiros e teve que empinar o animal para parar. Este gesto fez com que ficassem de prontidão, jogando suas capas para trás e colocando as mãos nos cabos das espadas.

– Templários, eu venho em paz!

Ele desceu do cavalo com agilidade, controlando as rédeas e acariciou o rosto do animal.

– Você me serviu bem, meu bom amigo, mas sua missão terminou. Agora vá! - E deu um tapa na anca do animal, que soltou um relincho e

partiu a galope, desaparecendo na névoa como um fantasma e deixando apenas o som dos cascos batendo nas pedras da estrada, como registro de sua presença. Em seguida, o recém-chegado voltou-se para os homens que o olhavam com desconfiança.

– Cavaleiros! Eu cavalguei três dias sem parar e trago uma mensagem urgente! Uma grande traição se abateu sobre a sua Ordem! Vocês devem partir imediatamente, e eu devo ir com vocês!

– Quem é você? - perguntou Robert, sem demonstrar emoção.

– Sou Bertrand Huller, um emissário da Igreja! Mas não há tempo para apresentações! Nós precisamos partir agora!

Robert aproximou-se e levantou o capuz, mostrando o rosto do cavaleiro. Era um jovem de trinta anos no máximo, rosto franzino, e tinha um semblante cansado da exaustiva viagem.

– Mas de que traição você está falando?

– Traição! Eu estou falando de traição! - e olhou para todos os cavaleiros com ar desesperado - Vocês precisam partir agora! Eu posso conseguir salvo-conduto para outro porto!

– Meu jovem, somente com ordens do Grão-Mestre podemos partir e...

– Vocês não estão entendendo! Nesse momento Jaques de Molay está sendo preso!

Robert colocou as mãos no pescoço do jovem e puxou-o para junto de si.

– Por Deus, homem, do que está falando? Eu exijo que se explique agora!

– Não há mais tempo para salvá-lo, ou a seus companheiros! O destino deles está traçado, mas o de vocês pode ser diferente!

Robert conhecia os homens pelo olhar. Ele poderia saber se ele estava mentindo ou dizendo a verdade.

– Tragam-me uma tocha!

Um cavaleiro trouxe uma tocha e aproximou-a do rosto do jovem. E se deparou com uns olhos vermelhos e inchados que mostravam desespero.

– Vocês têm que confiar em mim! O principal conselheiro do Rei, Guilherme de Nogaret, está vindo para cá com uma Unidade de elite da cavalaria, para prendê-los e executar os que não se renderem!

O líder da frota templária apertou ainda mais o pescoço do rapaz, que disse, quase num grunhido:

– É uma conspiração, com a bênção do próprio Papa!

– Se esta traição tem a bênção da Igreja, por que devemos confiar em você?

O jovem estava ficando asfixiado. Gérard aproximou-se e segurou as mãos de Robert.

– Solte-o, irmão, ou ele irá morrer.

O velho cavaleiro obedeceu e foi se afastando. Gérard foi para junto do jovem mensageiro e segurou seus ombros.

– Responda à pergunta, homem!

– Porque nem todos compartilham essa traição! - respondeu e tossiu, colocando a mão dentro da túnica. De um bolso secreto, retirou um anel.

– Este é o anel do Cardeal La Chapelle, curador e tutor legal dos Templários. Junto com ele estão Rinaldo da Concorezzo, Arcebispo de Ravenna e o Cardeal Bérenger Fredol. Eles me disseram para dar isso a você, Robert de Triqueville, Comandante da frota templária, como demonstração da minha lealdade para com a Ordem.

O Comandante pegou o anel e aproximou-o da tocha. Teve um calafrio ao ver que o anel era verdadeiro. Conhecia os homens que Bertrand havia citado. Eram os Cardeais de confiança do Grão-Mestre.

Deu um passo à frente e olhou nos olhos do jovem emissário.

– Não tire os olhos dos meus! - Robert ordenou.

Ele precisava confirmar aquelas palavras. Os olhos do jovem diziam a verdade. Precisava pensar rápido. Havia cometido um erro ao atracar e ter desembarcado, mas tinha feito isso após receber o convite do Conde Marcell, Comandante das fortificações de La Rochelle. Ele o conhecia há muito tempo e sabia da sua integridade, mas estava claro, agora, que ele também estava participando desta traição. Balançou a cabeça ao lembrar-se do aviso do Grão-Mestre, para não confiar em ninguém.

Agora era tarde demais.

Tinha que decidir rápido sobre o que devia fazer. Se tudo o que o mensageiro estava dizendo fosse verdade, se o rei da França tinha feito um acordo com o Papa para destruir a Ordem, eles precisavam agir sem demora.

Nesse momento, tochas foram acesas nas torres que protegiam a baía e ouviu-se o galope de cavaleiros se aproximando.

Não havia tempo a perder.

– Gérard!

– Estou aqui, meu irmão.

Robert retirou um anel do seu dedo, e colocou-o juntamente com o do cardeal, em sua mão direita coberta por uma luva de cota de malha.

– Este é o anel do Comandante da Frota. Eu estou passando o comando para você. Corra com Bertrand para o *Falcão do Templo* e parta imediatamente! Leve a frota para o alto-mar e depois obedeça às suas instruções!

– Não posso abandonar os meus irmãos! Está em nosso código e...

– Eu estou dando uma ordem! Agora você é o comandante da frota! Deve protegê-la! Se não puder, destrua os navios! Todos eles!

Robert abraçou-o e despediu-se num tom de voz que somente Gérard poderia escutar.

– Que Deus o abençoe na difícil missão que estou colocando em seus ombros, meu jovem irmão. Quando você estiver velho e no fim de sua vida, vai perceber que os melhores momentos foram aqueles em que combateu. - Fez uma pausa - Mas não será hoje.

E o empurrou em seguida para longe.

– Fuja! Para vingar-nos amanhã! É uma ordem!

Gérard olhou para seus irmãos de armas. Todos balançaram a cabeça concordando.

Ele, então, virou-se e seguiu correndo, seguido de perto por Bertrand. Robert olhou para os cavaleiros com os olhos faiscando de fúria.

– Meus irmãos, vamos mostrar para eles como os Templários lutam.

Guilherme de Nogaret estava numa das torres que protegiam a baía. Ele observou a cavalaria aproximar-se dos cavaleiros templários e sorriu. Sabia que o grande segredo dos templários fora removido das fortalezas e estava nos navios a sua frente, e que teria a oportunidade de capturá-lo longe de olhares gananciosos. Somente seus olhos iriam ver os segredos, e ele não tinha a intenção de mostrá-los a mais ninguém, nem mesmo ao Rei Felipe. O segredo lhe daria mais poderes do que qualquer membro da realeza.

Por isso tinha vindo cuidar pessoalmente para que nenhum Templário escapasse com vida.

Os cavaleiros pararam a cerca de trinta metros dos Templários, que se agruparam em formação de batalha, unidos ombro a ombro. Atrás deles ficaram os sargentos. As tochas que alguns cavaleiros carregavam iluminaram o cais do porto e dissiparam a neblina.

– Templários! Em nome do Rei da França e de Sua Santidade, o Papa, eu ordeno que deponham suas armas e se entreguem!

Em resposta, os cavaleiros empunharam suas espadas.

– Venham buscar! - respondeu Robert.

O comandante sorriu ao ver o punhado de cavaleiros em posição de combate. Levantou o braço direito e baixou-o. Vinte cavaleiros saíram em disparada pela estrada. O barulho dos cascos era forte como trovão, e o chão estremeceu sob os pés dos cavaleiros.

– Firmes, irmãos! - gritou Robert - Agora!

Quatro sargentos saíram detrás dos cavaleiros Templários portando longos arcos. Miraram nos cavalos que vinham à frente e dispararam. As flechas atingiram os animais no pescoço, que empinaram e tombaram para frente, atirando seus cavaleiros para fora das selas. Os cavaleiros que vinham atrás tiveram que frear seus cavalos, para não atropelar os que estavam no chão.

Nesse momento de tumulto, os Templários atacaram, avançando sobre os adversários, ceifando a vida dos que estavam caídos, com golpes precisos de espada. Sem espaço para cavalgar, dois cavaleiros foram atirados ao mar com seus cavalos. Enquanto isso os sargentos continuavam a disparar mortalmente suas flechas contra os cavaleiros que, surpreendidos pela ferocidade do ataque, bateram em retirada. Somente quatro cavaleiros retornaram. A rua ficou vermelha do sangue dos homens e dos animais mortos em combate.

Um dos cavaleiros sobreviventes aproximou-se do comandante.

– O local os favorece, e eles lutam como demônios! É impossível vencê-los!

O comandante dos cavaleiros olhou para as torres. Sabia que o conselheiro real estava vendo o combate.

Robert olhou para o navio ancorado junto ao cais. Sinais luminosos foram transmitidos para as sentinelas dos outros navios, que alertaram

a tripulação. Lampiões foram acesos nos navios, velas foram içadas e âncoras foram recolhidas. O *Falcão do Templo* já estava livre do cais e partia em direção à saída do porto. Um a um, os navios começaram a rumar na mesma direção.

Guilherme de Nogaret olhou com frieza para o comandante da fortaleza que protegia o porto.

— Conde Marcell, a frota não pode jamais ultrapassar as torres! Se for preciso, mate-os a todos!

O nobre aproximou-se do Conselheiro. Detestava receber ordens, ainda mais diante de seus homens, mas ele tinha uma carta assinada pelo Rei, que lhe dava autoridade total sobre qualquer comandante, em qualquer parte do reino. Ainda lhe pesava na mente a conversa com os Templários, que tinham visitado a fortaleza e conversado com seus homens, no início da manhã. Jamais passara por sua mente traí-los. Sabia que aquele sentimento, a partir daquela noite, iria estar com ele pelo resto da vida. Mas a ordem real era direta: toda a frota templária deveria ser apreendida e seus navios confiscados. Como comandante da Fortaleza de La Rochelle, devia obedecer ao Rei, mesmo que a ordem fosse contra seus princípios.

Voltou-se para seus homens.

— Atenção! - gritou com voz de comando! Arqueiros! Em seus postos de combate!

Dezenas de arqueiros se posicionaram ao longo das muralhas e prepararam seus arcos. Tochas foram trazidas para perto dos arqueiros, iluminando toda a amurada das torres.

— Preparar catapultas!

Dez catapultas começaram a ser preparadas para disparar pedras e jarros de piche incendiados.

— A mandíbula se fecha! - sorriu o Conselheiro Real fechando os punhos das mãos.

No cais, a primeira batalha havia sido ganha pelos templários.

Éverard de Montbard era o nobre que estava a cavalo comandando o ataque. Ele havia ficado impressionado com a estratégia dos cavaleiros, mas a sua fama em combate os precedia há anos, e a verdade era que aquele havia sido um teste, apenas o início do combate.

– Arqueiros!

Da parte detrás dos cavaleiros surgiram trinta arqueiros, que pararam à frente da cavalaria.

– Preparar!

Robert olhou os arqueiros se preparando.

– Escudos!

Os guerreiros retiraram os escudos de suas costas, e segundos depois, uma chuva de flechas caiu sobre eles. Apesar da proteção, dois cavaleiros caíram mortalmente atingidos pelas flechas, que eram disparadas em cadência contínua.

– Lanceiros! - gritou o nobre.

Dez cavaleiros se aproximaram trazendo lanças de três metros.

– Carga!

Rumaram em direção aos templários, que se protegiam com escudos. Dois sargentos tentaram disparar seus arcos e foram atingidos pelas flechas. A carga com lanças rompeu o semicírculo formado pelos guerreiros. Um cavaleiro e quatro sargentos foram atingidos pelas lanças e pisoteados pelos cavalos. Os templários restantes derrubaram quatro cavaleiros e os mataram a golpes de espadas.

Robert ouviu um grito de guerra e voltou-se para ver uns trinta homens pertencentes à infantaria real correndo na sua direção. Ele sabia que estavam perdidos, e nada havia a fazer, a não ser morrer com honra. Respirou fundo e sorriu porque era tudo o que um Templário desejava na vida.

– Beauseant!

– Beauseant! - gritaram os guerreiros restantes, respondendo ao chamado do grito de batalha templário.

Os guerreiros foram caindo um a um. O último a cair foi Robert, ferido várias vezes a golpes de espadas, mas não sem antes atingir mortalmente cinco soldados da infantaria.

Caído e envolto em seu próprio sangue, ele se voltou para o mar e pôde ver o *Falcão do Templo* em chamas, aproximando-se das torres. Pedras eram disparadas de catapultas na direção dos navios, levantando colunas de água e molhando o convés das embarcações. Ele olhou para as torres iluminadas. Estavam repletas de arqueiros.

O segredo seria revelado aos homens de coração impuro.

Num esforço sobre-humano, Robert ergueu-se, ficou de joelhos e iniciou uma prece. Os soldados riram e fizeram zombarias.

Éverard aproximou-se:

— Afastem-se! Deixem-me passar! Ora, ora, se não é Robert de Triqueville! - E puxou-o pelas vestes, sacudindo-o com violência - Está lembrado de mim? Eu sou Éverard de Montbard, o nobre que você não quis aceitar em sua Ordem de cavaleiros puros e honrados! Pois agora ela não existe mais!

E desferiu-lhe um soco no rosto. Robert caiu com a face voltada para o porto, e pôde ver três navios em chamas com homens no convés, lutando para apagar o incêndio. Reunindo suas últimas forças, conseguiu ficar novamente de joelhos e continuar sua prece.

— Ele reza! - zombou o nobre - mas rezar não irá salvá-los! Deus não irá ouvi-lo! Tudo o que pertence à Ordem será confiscado por nós esta noite!

Os homens riram alto. Éverard agarrou Robert pelas vestes e o levantou, que o encarou sem medo. No limiar de suas forças, pegou um saquinho de pano que trazia à cintura e retirou uma pequena pedra negra. Éverard sacou uma faca e golpeou Robert no peito, a lâmina atravessou a cota de malha e atingiu o seu coração. Robert tentou curvar-se para diminuir a dor, mas foi impedido por Éverard, que ficou olhando em seus olhos.

— Quero vê-lo morrer!

Depois o atirou ao chão. O último gesto de Robert foi levantar o braço, mostrando a pedra na palma da mão, provocando escárnio e gargalhadas.

— O que é isso? Vai nos atacar com essa pedrinha?

Robert olhou para a frota que se aproximava das torres, depois para Éverard e para os homens ao seu redor. Nunca tivera medo da morte. Já tinha estado frente a frente várias vezes com ela.

— Memento mori - foi sua última frase.

E tombou para o lado. A pedra caiu de sua mão e quicou nas pedras da estrada.

O nobre Éverard de Montbard sentiu um calafrio percorrer todo seu corpo. Ele conhecia o sentido daquelas palavras. *Memento Mori*, quer dizer “Lembra-te de que vais morrer”. Somente naquele momento ele entendeu. O cavaleiro Templário não estava rezando. Estava cumprindo um ritual.

A pedra que caíra ao chão, aos poucos, foi se acendendo, num tom azulado cada vez mais forte.

– Veja a pedra que Robert deixou cair! Está viva! - gritou um dos homens.

O brilho azulado foi aumentando de intensidade e começou a tomar conta das pedras da estrada. Atingiu um dos soldados da infantaria, que também ficou em tom azul. Aos poucos, todos foram sendo atingidos pela luz, menos Éverard, que foi se afastando, empurrou os soldados, correu e atirou-se à água.

Um dos soldados aproximou a mão do rosto, girando-a com curiosidade. E começou a sentir uma pequena dor no ventre, uma espécie de mal-estar, que foi aumentando, até ficar insuportável.

Alguns começaram a vomitar.

E, assim como este soldado, todos os outros caíram de joelhos, gritando de dor. Os cavalos também tombaram e relinchavam desesperadamente, tentando erguer-se. Os soldados se olhavam entre si, gritando de dor. Seus corpos tremiam, ao sentir aquela dor lancinante. A pele das mãos e dos rostos começou a cair como vela derretida, mostrando os músculos, as artérias e em seguida os ossos. Podia-se ver o crânio de alguns homens, que já não gritavam, apenas balbuciavam sons sem sentido. Os ossos começaram a ser corroídos como se um ácido poderoso tivesse tido jogado nos corpos. As roupas, capacetes, cotas de malhas e armas não sofriam os efeitos da luz, mas o que era carne, sangue e ossos ia se transformando numa massa disforme, que se convertia em sangue e escorria pela rua. Finalmente a luz azulada foi diminuindo até desaparecer por completo, cessando seu efeito mortal.

Tudo o que havia se passado no cais fora presenciado pelos homens nas torres, e os gritos dos moribundos ainda ecoavam em seus ouvidos.

Desde o momento em que a luz azul subiu do cais aos céus, em forma de uma bolha que foi se expandindo num diâmetro de cinquenta metros, o ataque aos navios havia cessou por completo. Todos, nas torres, estavam tomados de pavor. Alguns arqueiros haviam fugido, outros tinham jogado seus arcos no chão e estavam de joelhos rezando.

A frota que vinha na direção das torres numa fuga desesperada, agora parecia rumar para um ataque mortal.

Guilherme de Nogaret foi o primeiro a recobrar a consciência. A visão daquela cena confirmara suas suspeitas e o deixara ainda mais ávido em possuir o segredo que agora estava vindo em sua direção.

Olhou para o Conde Marcell, que estava paralisado na amurada, observando os navios se aproximando.

– Conde Marcell, continue o ataque! É uma ordem!

Marcell voltou-se para o Conselheiro, com os olhos tomados de pavor.

– Não! Cessar o ataque! Que ninguém dispare contra os navios! É uma ordem!

Guilherme aproximou-se e segurou-lhe o ombro.

– Você está louco! Depois de tudo o que foi feito para chegar até aqui, você vai desobedecer a uma ordem do Rei? Você sabe o que há naqueles navios?

– Sim, eu sei! - e apontou para eles - A morte está naqueles navios! Ela acompanha aqueles homens! Eles estão amaldiçoados por toda a eternidade!

– Não seja idiota! Você tem mais homens e...

– Se continuarmos a atacar aqueles navios, sabe-se Deus ou o Demônio, o que irá sair deles! Não, Conselheiro, não desta vez!

E voltou-se para seus homens.

– Que ninguém mais ataque os navios! Vamos deixá-los passar!

– Espero que você saiba o que o espera, por desobedecer-me!

Marcel aproximou-se de Guilherme de Nogaret e disse em voz baixa:

– Para o nosso bem, eu espero que o Conselheiro Real conte a mesma história que eu vou contar, e que terá a comprovação dos meus homens. *Os navios partiram um dia antes de prepararmos o ataque, e uma Unidade de Cavaleiros Templários que estava no porto reagiu à ordem de prisão e matou alguns de seus homens.* Esta será a minha história, e rezo para que também seja a sua. Se algo acontecer a mim ou à minha família, tenho amigos na Corte que saberão em quem colocar a culpa.

Guilherme olhou-o com os olhos cheios de fúria.

– Eu não vou esquecer esta noite nem a sua covardia!

– Eu também não, para o resto da minha vida.

Um a um os navios foram passando pelas torres que protegem o porto, ganhando mar aberto. O último navio a passar foi o *Falcão do Templo*, já com o incêndio controlado.

Gérard e Bertrand estavam no convés, olhando o porto que se afastava.

— Eles nos deixaram passar. - disse Gérard. - O sacrifício de nossos irmãos não foi em vão. O segredo continuará conosco.

— Sim.

— E o que acontecerá a nós? - Gérard perguntou - Se for como você diz, que todos os reinos irão nos perseguir, nenhum porto será seguro para a frota.

Bertrand aproximou-se e colocou a mão no ombro de Gérard.

— Nem todos na Igreja compartilham da traição contra a sua Ordem. Nós temos meios de ocultá-los e de protegê-los. Eu não vim apenas para avisá-los. Eu vim para guiá-los para um lugar seguro. Eu tenho autorização de Jean Bourgogne, aprovada pelo do Rei de Aragão.

— O reino da Espanha nos dará abrigo?

— Sim.

— E o que acontecerá conosco e com o que temos nos porões dos navios?

— Os segredos dos Templários, aliados às suas riquezas e à sua arrogância, foram o motivo de sua destruição, meu bom amigo.

Gérard aproximou-se e, num gesto rápido, sacou a adaga que ficava presa em sua cintura e encostou-a no pescoço do mensageiro.

— Vocês tiveram todo o tempo do mundo para nos avisar e não fizeram nada! Deixaram que todos nós caíssemos em desgraça! Não pense nem por um momento que poderá enganar-me! Uma só desconfiança, e arranco seu coração!

O jovem Conselheiro não se abalou com aquelas ameaças. Levantou a mão devagar e afastou a adaga de seu pescoço.

— Existe muita coisa nesta história que precisa ser esclarecida, mas eu, infelizmente, não tenho todas as respostas. O que posso dizer é que vocês foram salvos, com um propósito. Com a extinção, a sua Ordem irá cair no esquecimento. E somente então poderá ressurgir, desta vez em segredo, e irá seguir o mesmo princípio que a originou.

O cavaleiro franziu a testa.

— Proteger os peregrinos na Terra Santa?

— Não, desta vez não serão somente os peregrinos, tampouco sua atuação será apenas na Terra Santa.

Gérard afastou-se e caminhou até a amurada, olhando para as torres que se afastavam, envolto em pensamentos sobre o que havia acontecido. Tudo o que aprendera e em que acreditara durante longos anos, a partir daquela noite, não existia mais.

— Você agora é o comandante da frota templária, Gérard. Você tem nas mãos o destino destes navios e do segredo dos templários. Você não pode deixar que seus irmãos tenham morrido em vão. Pense em todos os cavaleiros aprisionados hoje e nas torturas que irão sofrer. Pense nas confissões que irão fazer e em todas as mentiras que serão ditas sobre a Ordem e...

— Eu aceito seu trato, mas com uma condição.

O mensageiro sorriu. Havia conseguido seu objetivo. Tudo tinha saído como seus mestres planejaram.

— E qual seria essa condição?

— Eu preciso de sua ajuda e dos homens que você diz que representa.

— Que tipo de ajuda você precisa?

Gérard levantou o punho direito fechado e voltou-se para o mensageiro, com os olhos cheios de fúria.

— Vingança!

Taquarembó - Uruguai

Cinco meses antes do momento atual

O agente Rui Castro dirigia velozmente pela estrada deserta. “A noite está escura demais”, pensou. O rádio emitia ruídos de estática e já fazia mais de quinze minutos que ele havia desistido de entrar em contato com a central. Consultou o relógio, eram mais de três horas da madrugada. Fechou e abriu os olhos mais uma vez, tentando afastar o sono que já se fazia presente há algum tempo. A calefação estava ligada, mas devia existir alguma entrada de ar perto dos pedais porque seus pés estavam congelados, naquela que prometia ser uma das madrugadas mais frias do ano.

Estava lembrando os fatos de sua missão, enquanto dirigia pela estrada sinuosa, distante cerca de quarenta e cinco minutos do norte da cidade de Taquarembó. O carro ia cortando rolos de neblina que a brisa da noite teimava em colocar à frente do carro e que, em alguns locais,

era tão densa que o motorista não conseguia nem mesmo ver a beira da estrada. A região era composta de campos alagados, com alguns rios sinuosos, e por isso pouco habitada. Ele já havia deixado a última estância para trás há bastante tempo. Apesar de toda a solidão que aquela missão lhe proporcionava, sorriu ao lembrar que já estivera ali pescando três anos antes, e por isso sentia que conhecia aquela região muito bem.

Chamou novamente a central pelo rádio, mas somente ouviu ruídos da estática e então desistiu de tentar contato.

– Droga!

Rui Castro não era um policial comum. Pertencia a um seletivo grupo de agentes treinados para missões especiais de investigação e executava muito bem seu trabalho. Há dois anos ficara famoso em sua corporação, ao resolver o sequestro do menino Benício Galhardo, que havia comovido todo o país. Todos acreditavam que os sequestradores que haviam raptado o menino fossem profissionais. A família do garoto sequestrado detinha mais de quarenta por cento da produção de leite do Uruguai, e todos acreditavam que os sequestradores fossem profissionais. Rui Castro, porém, sempre suspeitara do contrário e surpreendeu a todos, ao descobrir que quem havia raptado o menino de nove anos era seu tio.

Um caso que havia chocado o Uruguai.

Além de ser um homem de investigação, ele era também um homem de ação.

Estava naquela região para investigar um grande contrabandista que se passava por um importante empresário europeu, que aparentava ter ido para aquele local, para acampar, caçar e pescar. Mas o verdadeiro motivo era outro.

Naquele lugar havia sido marcada uma importante reunião. Rui Castro estava investigando o caso há três anos e, nesse período, descobrira que algo muito estranho estava acontecendo. Grandes quantidades de mercadoria estavam sendo trazidas da Argentina, do Chile e do Brasil para o Uruguai. Na lista de mercadorias, havia desde armas e chapas de metal, passando para cimento, ferro e até provisões. Descobrira que elas provinham da Europa e que Danton, um poderoso contrabandista de quem a Scotland Yard e a Interpol estavam atrás há muito tempo, era o responsável pelo envio. O mais intrigante era que as mercadorias simplesmente desapareciam ao chegarem ao Uruguai.

Por isso a investigação estava demorando tanto. Era preciso descobrir o que estava sendo transportado, para onde e por quê.

Não fora fácil, mas ele acreditava que estava muito próximo de desvendar o mistério. A única questão era que ele não havia conseguido avisar a Central de Investigações. Ninguém sabia que ele estava de volta ao Uruguai. Para os que sabiam de sua missão, ele ainda estava na Argentina, e por isso estava tentando entrar em contato com alguém e passar sua localização atual. Não que temesse por sua vida, ele já havia feito isto algumas vezes, e por isso fora repreendido e até mesmo suspenso.

O motivo era outro: poderia precisar de reforços.

Há cerca de trinta dias uma grande operação havia sido realizada para desmontar a quadrilha e descobrir as mercadorias que estavam sendo contrabandeadas, mas o plano tinha fracassado. Tudo o que tinham conseguido era prender alguns integrantes da organização, peixes pequenos e que nada sabiam de importante.

O local onde as mercadorias tinham sido armazenadas estava vazio, e, para ele, o motivo era claro: devia haver um vazamento de informações na Central. Mas quem poderia ser o informante? Este era um dos motivos que o fizeram realizar a investigação em segredo e ocultar sua verdadeira localização.

Para destruir tal organização, faltava saber o local onde as mercadorias estavam sendo armazenadas, e aquele lugar, com certeza, poderia ser o seu destino final. Se suas suspeitas tivessem fundamento, o mistério aumentaria ainda mais.

O que estava sendo trazido para aquela região deserta do país por poderosos contrabandistas internacionais? A região era pantanosa, de difícil acesso, sem nenhum habitante e sem importância estratégica para o país. Não havia cidades, indústrias ou portos.

Rui balançou a cabeça. Ele não poderia estar errado.

Olhou no banco a seu lado e pegou o aparelho que estava rastreando o dispositivo que havia fixado num dos veículos dos contrabandistas. O sinal indicava que o veículo estava parado e distante uns dez quilômetros. Colocou as mãos próximas da cintura e acariciou a pistola nove milímetros.

Quando o aparelho indicou a distância de três quilômetros, Rui Castro saiu da estrada e parou embaixo de um grupo de árvores. Assim que desligou o motor, pegou o dispositivo de rastreamento, desceu do

automóvel, dirigiu-se para a parte de trás e abriu o porta-malas. Trajava uma roupa especial para missões noturnas. Vestiu um colete à prova de balas. Em seguida, prendeu sob a axila esquerda uma submetralhadora nove milímetros. Nos bolsos do colete colocou pentes de munição. Afivelou duas granadas de fragmentação, prendeu uma faca de assalto na cintura e fixou o coldre da pistola na perna direita. Passou no rosto um pouco de máscara negra para camuflagem. Abriu uma valise e retirou os óculos de visão noturna AN/PVS-7. Conferiu sua pistola, pegou mais dois pentes de munição, guardando— os nos bolsos do colete. Colocou os óculos, acionou o sistema de visão noturna e olhou a sua volta. Tudo ficara iluminado em matizes verdes. Percebeu, entretanto, que sua visão estava um pouco prejudicada pela neblina.

Olhou para o localizador e começou a caminhar, desaparecendo na neblina.

O agente Rui Castro achava-se deitado no alto de uma colina, observando o terreno a sua frente. A vegetação era composta por um tipo de arbusto de uns quarenta centímetros de altura, o que lhe garantia uma ótima camuflagem. Distante uns duzentos metros havia um grupo de árvores, uma floresta, cortada por um rio sinuoso, coberto por uma névoa esbranquiçada. Os tons esverdeados desta névoa, movendo-se vagarosamente e vistos através dos óculos de visão noturna, lembravam fantasmas. Mas, apesar da neblina, o olhar arguto conseguiu distinguir duas caminhonetes, ocultas no meio das primeiras árvores.

Ele os havia encontrado. Respirou fundo, e o ar gelado da madrugada encheu-lhe os pulmões.

“Chegou a hora da verdade.”

Começou a caminhar agachado na direção dos veículos, sempre protegido pelos arbustos. Estava atento a qualquer movimento na floresta, mas nada se movia. Na última dezena de metros, resolveu rastejar, até ficar atrás de uma das caminhonetes. Retirou a pistola do coldre e segurou-a firme.

Não ouviu ruído algum. O silêncio era perturbador. Nem mesmo um grilo, um sapo ou qualquer animal silvestre. Parecia não existir vida naquele lugar. Quando usava os óculos de visão noturna, era comum ver animais noturnos. Mas, desde que se havia aproximado da floresta,

também os animais haviam desaparecido, como se evitassem aquele local.

Ficou imóvel por alguns instantes, sondando a presença de alguma sentinela.

Não havia ninguém.

Será que não estavam mais ali? Eles poderiam ter usado uma embarcação na beira do rio e desaparecido. Esta ideia trouxe-lhe à boca um gosto amargo de derrota. Olhou para a frente do primeiro veículo, em direção à floresta, e descobriu uma pequena trilha em meio à vegetação.

Não havia mais como recuar. Rápido com um felino, dirigiu-se para a entrada da trilha. Caminhou durante algum tempo abaixado e prestando atenção a qualquer movimento que pudesse captar pelos óculos de visão noturna, mas nada conseguia verificar. Finalmente a pequena trilha se abriu num grupo de árvores altas, à margem do rio de águas escuras. O chão da enseada era de areia fina, de cor clara como a beira de uma praia, coberto com algumas folhas e gravetos caídos das árvores.

Olhou ao redor antes de entrar na clareira e dirigir-se até a beira do rio. Havia pegadas na areia, que iam em direção à beira do rio e depois seguiam em várias direções. Caminhou silenciosamente até a margem, sempre atento a qualquer movimento suspeito.

Havia chegado ao final de seu destino: a beira do rio, que devia ter uns sessenta metros de largura. Olhou para a outra margem, coberta de árvores. Todo o seu esforço havia sido em vão.

Eles tinham conseguido escapar, e ele não fazia ideia do rumo que haviam tomado.

Nesse momento, do outro lado da margem, ouviu um silvo, como uma ventania que ia aumentando. O barulho parecia vir da copa das árvores. Levantou a cabeça naquela direção, e um objeto grande saiu do meio das copas, emitindo luzes fortes em sua direção. Tomado de susto pelo barulho do objeto não identificado e cego pela forte claridade, amplificada várias vezes pelos óculos de visão noturna, o agente soltou um grito. Num reflexo, retirou os óculos e atirou-se ao chão. Em seguida seu instinto de sobrevivência disse que devia afastar-se dali o mais rápido possível. Começou a rastejar na areia. O objeto voador empreendeu a travessia do rio, a uma altura de vinte metros, vindo em

sua direção, emitindo luzes e cortando os ares com um silvo forte. Não era o som de turbinas de helicóptero, nem de uma turbina de avião.

Rui Castro rastejava rápido, usando os cotovelos e os pés. Estava completamente cego e tentava voltar pela mesma trilha por onde viera. Foi quando sua mão direita bateu em algo, um grupo de pedras amontoadas sobre a trilha, que não estavam ali quando ele havia passado pela primeira vez. Mas eram pedras diferentes, pareciam ter uma vegetação curta em uma parte e orifícios na outra. Ele colocou as mãos para retirá-las do caminho e largou-as em seguida.

Não eram pedras.

Eram cabeças humanas.

Tomado de horror, levantou-se e saiu em disparada, abrindo uma trilha no meio da floresta. As cabeças humanas haviam sido colocadas ali depois que ele passara. Ele sempre estivera sendo observado.

Mas por quem?

Naquele momento, não teve mais dúvidas: não estava sozinho naquele local, e os contrabandistas estavam mortos, todos mortos. E quem, ou o que os havia matado, ainda estava ali.

Algo atingiu sua perna direita, atirando-o ao chão e causando uma dor insuportável.

Rastejou até uma árvore e encostou-se nela, sacando a pistola e disparando-a em várias direções. Trocou o pente da arma e disparou novamente a esmo. Quando terminou, ainda continuou apontando para a escuridão. Foi então que ouviu estalidos ao redor, vindo de todas as direções. Com os olhos acostumados à pouca claridade, ele pôde ver cinco figuras escuras saindo da floresta, caminhando em sua direção. Tentou mover-se, mas o corpo não obedeceu.

Estava paralisado.

A dor no ferimento era insuportável, e ele não conseguia nem mesmo gritar.

As cinco figuras fizeram um semicírculo a sua volta. Ele tentava mover-se, mas estava paralisado. Sua saliva ficou parecendo uma cola, e ele não conseguia abrir a boca. Fora envenenado pelo objeto que o atingira na perna.

Uma das figuras misteriosas aproximou-se, e ele pôde perceber, pelo brilho, que segurava um objeto metálico, que foi levantado até a altura do ombro e desferido com força e precisão em seu pescoço. Antes

que o objeto cortasse sua garganta e ossos, ele fez um esforço sobre-humano para poder gritar, mas ele não gritou de dor.

Rui Castro gritou de pavor.

O objeto voador pairava sobre a floresta, como se observasse o que estava acontecendo, e em seguida rumou para o norte e desapareceu, deixando que o silêncio voltasse a reinar naquele local, como se nada tivesse acontecido.

O que o agente Rui Castro e os contrabandistas mortos naquela noite não sabiam, era que eles haviam encontrado um segredo que acompanhava a humanidade durante séculos e que pretendia mudar o mundo.

Iniciara-se a contagem regressiva.

Brasília - Brasil

Momento Atual

Helena caminhava a passos largos pelo corredor do Palácio do Planalto. O barulho do salto alto no piso encerado chamava a atenção por parecer o caminhar de um homem, mas, quem olhasse, iria deparar-se com a visão de uma bela mulher, alta, de corpo esguio e cabelos loiros cortados na altura dos ombros. Mais parecia uma modelo em desfile na passarela do que a secretária do Ministério das Relações Exteriores.

Um senador passou por ela e sorriu, mas ficou tímido ao encarar os profundos olhos verdes. Aquela não era a primeira vez que ela deixava um homem embaraçado.

A mulher limitou-se a um sorriso, apenas. Não tinha tempo para ouvir galanteios. A situação era urgente demais para perder tempo com cantadas. A jovem dobrou o corredor e, finalmente chegou à sala de

reuniões. A porta estava fechada, o que indicava que a reunião já começara.

Ela sabia que todos a esperavam para ouvi-la, e não havia tempo para protocolos.

Bateu à porta e entrou.

A sala era ampla, com uma grande mesa de carvalho, oval, cercada de quinze cadeiras de madeira de lei. Apenas uma cadeira estava vazia. Ela reconheceu, entre os presentes, o Ministro das Relações Exteriores, o Ministro da Defesa, o Ministro da Segurança, alguns diretores do alto escalão, e na ponta da mesa, olhando para ela, estava o Presidente da República.

– Entre, Helena, estávamos aguardando você chegar.

A voz grave do Presidente ecoou pela sala, e como sempre, ele não demonstrava nervosismo.

Helena fechou a porta, dirigiu-se para seu lugar, colocou sobre a mesa a pasta de couro que trazia consigo e sentou-se.

– Senhor Presidente, Senhores Ministros e diretores, peço desculpa pelo atraso, mas vim o mais rápido que pude.

– Nós entendemos, Helena. Você está bem?

– Sim, senhor Presidente.

– Você se feriu?

– Não, Senhor Presidente.

– Alguém mais se feriu?

– Não, Senhor.

– Nós pedimos que você viesse imediatamente e por isso providenciamos um helicóptero que a levasse de Caxias do Sul até Canoas, de onde um jato da Força Aérea a trouxesse até Brasília. O motivo de trazê-la o mais rápido possível é porque ainda não nos pronunciamos sobre o que aconteceu. Há muitas notícias, muitas informações que parecem desconstruídas. A imprensa está especulando muito sobre o ocorrido. E eu sei que, na condição de representante oficial do Governo no evento, a pressão sobre você deve ter sido enorme. Por isso Roberto e eu resolvemos trazê-la o mais rápido possível.

– Entendo perfeitamente.

– Por isso convoquei esta reunião. E agora que você está aqui, precisamos saber o que realmente aconteceu.

- Entendo perfeitamente, senhor. - disse, pensando cada palavra pronunciada, porque sabia que todos a estavam avaliando - e é com grande pesar que venho confirmar o que os senhores já sabem. Uma verdadeira tragédia.

Ela fez uma pausa para todos pudesse absorver aquela informação.

— Por favor, continue.

Ela olhou nos olhos do Presidente que havia solicitado que ela continuasse e depois para todos os que estavam naquela reunião.

— Senhores, é com grande pesar que informo que o Senhor Diego Molina, o maior produtor de vinho da Argentina e pai de Fernando Molina, o atual Presidente Argentino, foi assassinado durante o congresso que estava sendo realizado em Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul e que tinha como objetivo discutir a política de comércio do vinho na América do Sul.

Todos, menos o Presidente, emitiram grunhidos e pequenos comentários, como se esperassem que o que estava sendo veiculado pela imprensa não fosse verdade.

— Como aconteceu? - perguntou o Senhor Roberto Fasolo, ministro das Relações Exteriores.

Ela respirou fundo. Precisava escolher as palavras com cuidado.

— Todas as delegações dos países envolvidos já estavam no evento, que transcorria dentro da programação. A discussão em pauta era o aumento da alíquota de importação de vinho para o Brasil, e nós estávamos tendo uma forte pressão contrária dos demais países, principalmente das delegações da Argentina, Chile e Uruguai. Foram citados o modelo americano *Wine Vision*, que melhorou a sua venda internacional sem criar uma barreira protecionista, e o modelo canadense chamado *Strategy 2025*, que fortaleceu o mercado interno daquele país e as suas importações, sem a geração de novos impostos. Foi neste ambiente de discussão que o Senhor Molina chegou ao evento. Sua entrada no Resort Montes Claros estava marcada para as dez horas da manhã, mas ele chegou às nove horas, acompanhado de uma delegação de vinte produtores da região de Mendoza e de sete agentes do Governo Argentino, responsáveis pela sua segurança.

Helena fez uma pausa, como que se estivesse revivendo o que havia acontecido.

— Foi tudo muito rápido. Havia uma multidão de produtores brasileiros à entrada do Resort, protestando contra a importação do

vinho e os prejuízos causados à nossa indústria. Dificultavam o acesso dos veículos da comitiva argentina, que pararam na entrada principal. Um dos seguranças desceu do carro e abriu a porta. O senhor Diego Molina desceu do carro, acenou para os repórteres e, quando ia entrar no saguão, foi alvejado duas vezes no peito. - Helena respirou fundo - Houve grande confusão, gente correndo para todos os lados e pessoas foram pisoteadas. A segurança fechou todas as saídas do local, e foram feitas buscas em todo o complexo turístico, mas o atirador não foi descoberto, tampouco a arma do crime chegou a ser encontrada.

O Ministro das Relações Exteriores olhou para a jovem que sentara a sua frente e era sua principal assessora. Apesar de ter sofrido muitas críticas quando decidira contratá-la, a “raposa do cerrado”, como era conhecido, sabia que não se arrependeria. Ele tinha a certeza de que Helena era competente e por isso delegara à bela jovem as funções de organizadora do evento e de representante oficial do governo brasileiro. O Ministro sabia que Helena tinha feito tudo o que era possível diante daquela trágica situação.

— Onde você estava?

— Eu estava no meu quarto, preparando-me para a próxima rodada de negociações, quando ouvi a gritaria. Corri para a entrada do prédio, tentando obter notícias. Dois dos agentes argentinos arrastavam o corpo do senhor Diego Molina para dentro do edifício, puxando-o pelas mãos e deixando um rastro de sangue no mármore branco. Como sou médica, corri na sua direção e me ajoelhei ao seu lado para prestar os primeiros socorros.

À medida que falava, ia relembando tudo o que acontecera, e seus olhos iam se enchendo de lágrimas.

— Examinei o corpo, mas não havia nada a fazer.

Baixou a cabeça, parecendo culpar-se pela morte do empresário. Sabia que muitos daqueles homens a consideravam apenas um pedaço de carne suculenta, mas ela passara toda sua vida tentando provar o contrário. Sentiu raiva de si mesma. O rosto, de súbito, ficou quente. Ela respirou fundo, para não chorar e demonstrar fraqueza diante daquela situação.

— Que droga! - deixou escapar um dos assessores - por essa ninguém esperava.

Houve um instante de silêncio, como se todos os presentes precisassem de um tempo para absorver aqueles fatos. Em seguida,

parecendo que tinham combinado, começaram a falar ao mesmo tempo. Alguns lamentavam o incidente, outros propunham medidas para amenizar a situação.

– Senhores, - falou o Presidente - entendo que a situação é grave, mas precisamos de calma para avaliá-la e tomar as melhores medidas. Não vai adiantar nada ficarmos lamentando o que aconteceu. - disse, olhando para a jovem Helena. - Tenho certeza de que todos fizeram o melhor, mas agora precisamos enfrentá-la da melhor maneira possível.

– Tem razão, Senhor Presidente - disse o Ministro Roberto.

– Mas o que fazer numa situação tão trágica como esta? - perguntou o Ministro da Defesa. - Eu não vejo nada que podemos fazer.

O Presidente olhou com insatisfação para ele. Aquela não era a conduta apropriada para um Ministro do Governo. Argumentos como aquele demonstravam inabilidade para lidar com situações adversas. E ainda mais um Ministro da Defesa!

“Uma pena que não tive autonomia para escolher todos os meus Ministros”, refletiu com pesar, lembrando as coligações que tivera de fazer para ganhar as eleições.

Olhou para a jovem a sua frente. Ela procurava manter-se firme, mas parecia que ia desabar em lágrimas a qualquer momento.

Resolveu desviar a atenção dela por alguns momentos.

– Francisco, como estão as investigações?

O Diretor da Polícia Federal respondeu prontamente.

– Senhor Presidente, envolvemos dois grupos de investigações criminais especializadas em assassinato e estamos enviando-as para Caxias do Sul. As informações obtidas até agora indicam que o atirador estava dentro do hotel, na ala sul. A autópsia indicou que um dos disparos atingiu o pulmão direito e o outro acertou o coração.

O presidente virou-se para um dos seus assessores.

– Vinícius, o Presidente Fernando Molina já se pronunciou?

– Não, Senhor. Ele estava com a família em Bariloche. As informações que temos são de que ele cancelou as férias e está voltando para Buenos Aires, para aguardar a chegada do corpo e acompanhar as investigações.

– Senhor Presidente... - disse um dos assessores.

– Sim.

— Há duas horas recebemos uma solicitação do Ministro das Relações Internacionais da Argentina, que deseja enviar um grupo de agentes para acompanhar as investigações.

— Quanto tempo para liberar o corpo?

— A autópsia foi concluída, e já temos a liberação feita pelo IML.

O Presidente ficou em silêncio, processando todas as informações que havia recebido.

— Muito bem. Nós precisamos agir em mais de uma frente, para resolvermos este caso o mais rápido possível. A primeira coisa a fazer é liberar o corpo e enviá-lo para Buenos Aires. Se já terminaram a autópsia, não há motivo para mantê-lo aqui. Não iremos autorizar a vinda de agentes argentinos, porque temos profissionais qualificados para conduzir as investigações. Vou fazer um pronunciamento, lamentando o ocorrido e informando que não pouparemos esforços para descobrir os culpados. Também pretendo enviar você, Roberto, para que vá apresentar ao Presidente Fernando nossas condolências em nome do povo brasileiro, e reiterar que não tivemos nada a ver com esse trágico acontecimento. E por isso, toda a Nação Brasileira está de luto.

— Sim, Senhor.

— Senhor Presidente!

— Sim, Helena.

— Não sei se Vossa Excelência tem conhecimento, mas o Presidente Fernando e eu somos amigos. Eu gostaria de ir com o Senhor Roberto, a fim de explicar, pessoalmente, o que aconteceu.

— Está autorizada.

— Eu gostaria de levar uma pessoa comigo, Senhor Presidente.

— E quem seria? - perguntou o Presidente, já imaginando que seria Vinícius, um dos seus assessores e seu namorado.

— Seu nome é Aquiles.

Ele franziu a testa.

— Não conheço nenhum Aquiles - respondeu o Presidente. - É um assessor ou faz parte do ministério?

— Na verdade ele não pertence ao Governo. Ele era o filho do embaixador Maurício Couto Lima que...

O Ministro do Exército estava lendo uns documentos e parou no momento que ouviu aquele nome. Ele olhou para a jovem com ar furioso. Deu um soco na mesa, completamente transtornado, chamando a atenção de todos.

– Você só pode estar brincando! Que ideia mais absurda é essa?

O Presidente olhou para ela com curiosidade. Ele conhecia a história do Embaixador Maurício, mas não sabia nada sobre Aquiles.

– O Embaixador Maurício? Por acaso não seria o embaixador que estava na França há alguns anos atrás, e que assassinou a esposa e depois se suicidou?

– Sim, Senhor Presidente, é ele mesmo - respondeu Helena. Aquiles é filho do Embaixador Maurício e vive em uma fazenda isolada próxima da fronteira do estado do Acre com o Amazonas. Posso tentar uma comunicação com ele e explicar o que está acontecendo. Aquiles vai entender, poderá conversar com o Presidente Fernando, porque ele foi...

– Ele foi coisa nenhuma, Helena! Você vai querer reviver essa história agora? Vai querer desenterrar os mortos? Você só pode estar louca! - voltou a esbravejar o general - trazer aquele insubordinado para este assunto tão delicado!

Uma curiosidade cresceu na mente do Presidente e de todos os que estavam na sala.

– Por que você não concorda com ela? Quem é esse Aquiles e o que ele fez? - perguntou o Presidente.

O General procurou acalmar-se, afinal, estava em uma reunião presidencial, mas só o fato de pronunciar aquele nome, de fazê-lo lembrar do que havia acontecido, mesmo depois de tantos anos, fazia-o sair do sério.

– Senhor Presidente, esse homem que Helena quer trazer para resolver esta situação é um homem arrogante e presunçoso. Ele me agrediu há alguns anos e causou a insubordinação de toda uma unidade PARA-SAR, cujos integrantes tivemos que expulsar da Aeronáutica. - e olhou para todos os que estavam sentados - Todos eles! Aqueles homens quase criaram um incidente internacional que, felizmente, nunca veio a público, mas que poderia ter causado uma guerra! Você sabe disso, Helena! Você estava lá!

Ela ia explicar por que propusera que Aquiles também fosse, quando o Presidente, levantando a mão direita, encerrou o assunto.

– Infelizmente não temos tempo para analisar sua proposta, Helena. O General Costa tem razão. Por mais que você tenha boas intenções, não há tempo hábil para recrutar alguém, independente do relacionamento com o Presidente Fernando. O que nós precisamos com

urgência, é descobrir o assassino e o motivo do crime. Eu pretendo enviá-los imediatamente para Buenos Aires. O Embaixador Felício Torres vai aguardá-los em nossa embaixada. Eu conversei com ele antes de convocar esta reunião, e ele está muito preocupado, porque o Presidente Fernando Molina, que era muito ligado ao pai, está muito transtornado e pode tomar uma atitude precipitada.

E olhou um a um, as pessoas que estavam na sala.

- Senhores, cada minuto sem agir é um prato-cheio para a imprensa criar teorias sobre este trágico assassinato, e isto é algo que precisamos evitar a qualquer custo. Uma crise internacional é tudo o que não precisamos neste momento.

— Sim, Senhor Presidente. Só há mais uma coisa: eu estava preparada para ir ao congresso internacional sobre a crise de água potável, que irá acontecer na sede da ONU.

— Helena, sei que esta é uma prioridade, mas sua presença está cancelada. Nós vamos enviar o Fúlvio. - afirmou o Ministro Roberto - Ele irá nos representar muito bem. Vamos em frente e me mantenham informado de tudo o que ocorrer.

O Presidente levantou-se, e em seguida todos fizeram o mesmo.

— Helena?

— Sim, Senhor Presidente.

Ele olhou para a bela jovem e viu sinais de cansaço em seu rosto. Ela tinha olheiras e a maquiagem estava um pouco borrada.

— Boa sorte. Você vai precisar.

E Agora?

Se você chegou até aqui, é porque gostou desta história, que levou 3 anos para ser concluída, baseada nos cavaleiros templários, pesquisas avançadas sobre nossas riquezas naturais e história militar. E claro, muita pesquisa e dedicação.

Para ter essa cativante aventura completa em seu Kindle ou em sua estante, você poderá escolher os sites abaixo:

Amazon - Versão digital e impressa - <https://amzn.to/38KnofY>

Americanas - Versão impressa

Submarino - Versão impressa

Shoptime - Versão impressa

Magazine Luiza - Versão impressa

Se preferir um livro autografado, entre em contato direto pelo meu perfil do Instagram, **escritor_alex_bitten**

Eu terei o maior prazer em enviá-lo autografado.

Alex Bitten

www.alexbitten.com.br

